

Apresentação do testemunho

SERÃO ESTAS PÁGINAS UM DIA PUBLICADAS? Não sei. É provável, em todo caso, que por muito tempo elas só sejam conhecidas fortuitamente, à exceção dos que me cercam. Mesmo assim, resolvi escrevê-las. O esforço será pesado: como seria mais cômodo ceder aos conselhos do cansaço e do desânimo! Mas um testemunho só vale quando tomado em seu frescor primeiro, e não quero crer que este há de ser completamente inútil. Virá o dia, cedo ou tarde, tenho a firme esperança, em que a França verá brotar novamente, em seu velho solo abençoado por tantas colheitas, a liberdade de pensamento e de julgamento. Então, os dossiês escondidos serão abertos; as brumas, que em torno da derrocada mais atroz de nossa história começam a acumular ora a ignorância, ora a má-fé, pouco a pouco se desvanecerão; e os pesquisadores ocupados em escrutá-los quem sabe tirarão algum proveito ao folhear, se puderem descobri-lo, este relatório do ano de 1940.

Não relato aqui as minhas lembranças. As pequenas aventuras pessoais de um soldado entre tantos têm, neste momento, pouquíssima importância, e temos outras preocupações bem além das graças do pitoresco ou do humor. Mas um testemunho precisa de um estado civil. Antes mesmo de relatar o que vi, seria conveniente dizer com que olhos vi.

Escrever e ensinar história: este é, há quase 34 anos, o meu ofício. Ele me levou a folhear muitos documentos de épocas diversas para fazer, o melhor que pudesse, uma triagem entre o verdadeiro e o falso; e também a olhar e observar muito. Pois sempre pensei que o dever primeiro de um historiador, como dizia meu mestre Pirenne, é se interessar “pela vida”. A atenção particular que dediquei, em meus trabalhos, à questão rural acabou por me convencer de que sem contemplar o presente é impossível compreender o passado; para um historiador das coisas do campo, ter bons olhos para observar as formas dos terrenos não é menos indispensável

do que certa aptidão para decifrar velhos alfarrábios. São esses mesmos hábitos de crítica, de observação e, espero, de honestidade que tentei aplicar ao estudo dos trágicos acontecimentos nos quais acabei sendo um modesto ator.

A profissão que escolhi passa, normalmente, por vias menos aventureiras. Mas meu destino, comum nesse ponto ao de quase toda a minha geração, lançou-me por duas vezes, com 21 anos de intervalo, para fora desses caminhos tranquilos. Proporcionou-me uma experiência de amplidão, creio eu, bastante excepcional no que diz respeito aos diferentes aspectos da nação armada. Fiz duas guerras. Comecei a primeira em agosto de 1914, como sargento de infantaria: em plena tropa, portanto, e quase no nível de um simples soldado. E continuei, sucessivamente, como tenente, como oficial de informações ligado a um estado-maior de regimento e, enfim, com a patente de capitão, na função de ajudante de ordens de meu comandante. Minha segunda guerra foi vivida, a maior parte, na outra extremidade da escala: num estado-maior de exército, em contato frequente com o GQG.¹ Como se vê, passando através das instituições e dos ambientes humanos, não faltou variedade.

Sou judeu, se não pela religião, que não pratico, aliás como nenhuma outra, ao menos por nascimento. Não tiro disso nem motivo de orgulho nem de vergonha, sendo, espero, um historiador suficientemente bom para não ignorar que as predisposições raciais são um mito e que a própria noção de raça pura é um absurdo particularmente flagrante, quando pretende se aplicar, como aqui, ao que era na realidade um grupo de fiéis outrora recrutado em todo o mundo mediterrâneo, turco-cazaque e eslavo. Só reivindico minha origem num único caso: diante de um antisemita. Mas talvez as pessoas que venham a fazer oposição a meu testemunho tentem destruí-lo chamando-me de “meteco”. Responderei simplesmente que meu bisavô foi soldado, em 1793;² que meu pai serviu em 1870, em

¹ Grande Quartel-General.

² Nota de Étienne Bloch: Em 13 de outubro de 1941, N. Tsatskin, tradutor juramentado do Tribunal do Sena, certificou a fidelidade da tradução em francês da seguinte carta em hebraico-iídiche do bisavô de Marc Bloch:

Estrasburgo, durante o cerco; que meus dois tios e ele deixaram voluntariamente a Alsácia natal, depois de sua anexação ao Segundo Reich; que fui criado no culto dessas tradições patrióticas, das quais os israelitas do êxodo alsaciano sempre foram os mais ardentes defensores; e, enfim, que

“Ao cidadão Wolf Bloch, nascido em Wintzenheim, distrito de Colmar, Departamento do Alto-Reno por Colmar.

Em Wintzenheim, carimbo: div ... exército do Norte.

Mayence, quinta-feira, 5º dia do mês de Tamuz do ano 5554 (junho de 1793). Meus cumprimentos a meu caro mestre e pai, de prenome Wolf, de reputação ilustre, e à minha cara mãe, sua digna esposa, Sarelé (Sarah), que Deus lhes dê vida longa. Não posso deixar de informar-lhes que gozo de boa saúde; quis o Eterno que o mesmo acontecesse com vocês durante longos anos. [*Seguem-se duas linhas ilegíveis*] ... Fomos os primeiros – os Voluntários, e os alemães abriram fogo contra nós. Como trememos de pavor... e [*duas palavras ilegíveis*] isso nos custou dez [?] mil homens. E dessa vez não era apenas um, mas [*várias palavras ilegíveis*]. Penso que é graças às suas boas ações e às de nossos ancestrais que consegui escapar. Podem imaginar em que estado nos encontrávamos. [*Seguem-se várias linhas ilegíveis*] ... Devo informar que em duas aldeias a população nos deu cerveja e pão. Não pudemos parar, mas atacamos impetuosamente as alturas de Mayence. Não gostaria de vê-los por lá. E Deus, que Seu Nome seja louvado, nos dirigiu para o bom caminho. Que Ele proteja os judeus de todas as desgraças.

Encontramo-nos diante de Mayence. Nem todos tinham o direito de entrar na cidade. Hoje fomos até lá com nosso capitão fazer um passeio e todos compraram um cachecol. Fomos os primeiros a ganhá-los.

Esperamos que, caso Deus ouça nossas preces e permita que retornemos ao lar, não voltemos de mãos vazias. Podemos não ter dinheiro, mas sempre temos piolhos; contudo, graças a Deus não preciso de dinheiro. Devo dizer que, enquanto vocês [*duas palavras ilegíveis*] nossos jardins, aqui temos jardins. Não temos jardins tão bonitos em Colmar. Costumamos devastá-los bastante. Colhemos todo dia ervilhas e cebolas e procuramos belos aspargos [?] verdes. Não podemos usá-los. Bem que eu gostaria que vocês também os tivessem. Devo dizer também que aqui conhecemos vários israelitas que sofrem com a escassez de carne. Nós podemos passar sem carne. Se Deus quiser, voltaremos logo [*três linhas ilegíveis*] e as coisas vão melhorar.

Quando estivermos em casa de novo, contaremos tudo em detalhes. Não vou demorar a mandar novas notícias. Enquanto isso, não se preocupem. Espero receber uma resposta de vocês em breve, se Deus quiser. Não economizem nas taxas do correio, pois também não farei isso. O endereço estará escrito na carta que receberão.

Getschel, filho de Wolf Bloch

Cordiais saudações a meus irmãos, Abram, Aron e Herzelé e Vogel; quero que todos me escrevam. Saudações cordiais a meu cunhado Mayer Hersch e à minha irmã Mme. Gitel, que Deus prolongue seus dias, e saudações a todos os bons amigos.

Nota do tradutor: O original está em mau estado e por isso certas passagens são pouco ou nada legíveis.”

a França, de onde alguns hoje conspiram para me expulsar e talvez (quem sabe?) tenham sucesso, será sempre, aconteça o que acontecer, a pátria da qual não saberia arrancar meu coração. Nasci aqui, bebi na fonte de sua cultura, fiz de seu passado o meu, só respiro bem sob seu céu e tenho me esforçado, por meu lado, para defendê-la o melhor que puder.

Um jovem oficial me disse, quando conversávamos na soleira de uma porta, em Malo-les-Bains bombardeada: “Esta guerra me ensinou muitas coisas. Sobretudo esta: há militares de profissão que nunca serão guerreiros; e civis que, ao contrário, por sua própria natureza, são guerreiros.” E acrescentou: “Devo confessar que jamais suspeitaria disto antes de io de maio: o senhor, o senhor é um guerreiro.” A fórmula pode parecer ingênuo. Mas não creio que seja totalmente falsa; nem em suas aplicações gerais, nem, se me interrogo com sinceridade, no que me diz respeito pessoalmente. Um médico do exército, que foi meu companheiro no 4º bureau do estado-maior, gostava de brincar comigo gentilmente acusando-me, a mim, um velho professor, “de ter mais espírito militar que qualquer um”: o que, aliás, significava simplesmente, imagino eu, que sempre tive gosto pela ordem no comando. Retornei da guerra anterior com quatro elogios em folha; penso que não me engano ao supor que, se a entrada inopinada dos alemães em Rennes não tivesse cortado pela raiz as propostas do I Exército, não voltaria para casa depois desta guerra sem uma medalha a mais em minha túnica.³ Em 1915, depois de uma convalescença, retornei ao front antes da hora, como voluntário. Em 1939, quis continuar em atividade, apesar da idade e dos seis filhos, que há muito tempo me conferiam o direito de pendurar o uniforme. Tais fatos e testemunhos não me envaidecem: vi muita gente corajosa e humilde cumprir seu dever, sem ênfases, muito melhor do que eu e em condições mais difíceis. Simplesmente, se mais tarde, diante de certas afirmações de uma franqueza meio rude, o leitor se sentir tentado a reclamar de falta de isenção, peço apenas que se recorde que este observador, inimigo da indulgência frouxa, não serviu

³ Nota de Marc Bloch: O elogio constou da ordem do dia do corpo de exército. [Julho de 1942]

contra a vontade e não foi, de modo algum, considerado um mau soldado por seus chefes ou camaradas.

Eis então o balanço exato do que pude fazer e, conseqüentemente, ver na última guerra.

Como disse antes, recusei-me várias vezes, no intervalo entre as duas guerras, a fazer uso das disposições legais que poderiam me livrar de qualquer obrigação militar. Mas, embora inscrito desde 1919 no serviço do estado-maior, nunca aceitei fazer nenhum dos cursos denominados “de aperfeiçoamento”. Em princípio, reconheço que errei. Minha desculpa é que aqueles anos coincidiram precisamente com o período da minha vida em que, bem ou mal, produzi o essencial de minha obra de historiador, o que me deixava muito pouco tempo livre. Meu consolo fui adquiri-lo nas próprias experiências do campo: certamente, o reflexo do ensino da Escola de Guerra, ao qual me subtraí, teria me inspirado poucas ideias justas. Como o exército daquele tempo apreciava sobretudo os bons alunos, nunca me perdoou pela decisão obstinada de fazer gazeta. Chegou mesmo a me castigar duplamente. Capitão em 1918, continuava a sê-lo em 1938, quando de minha primeira mobilização. E capitão ainda o era em agosto de 1939, apesar de uma recomendação de promoção assinada pelos chefes que me viram trabalhar; capitão sempre, quando, em 11 de julho de 1940, entrei para a reserva. Esse foi o meu primeiro castigo, que não me despertou rancor nem tristeza. O segundo me atingiu na designação de minha mobilização.

Pertencia anteriormente, no papel, a um 2º bureau de corpo do exército: como o 2º bureau era o que se encarregava da informação, não me pareceu ser, devo confessar, um emprego tão ruim para um historiador; depois, mais modestamente, fui designado para um estado-maior de infantaria divisionária. Mas, em seguida, fui afastado das unidades dos exércitos para mergulhar nos inglórios serviços de território: mais precisamente, o estado-maior de um grupo de subdivisões. Grupo que, na verdade, tinha sua sede em Estrasburgo, que na época todos consideravam o provável primeiro alvo das bombas alemãs. Seria um pouco deselegante de minha parte, pensava eu, tentar escapar de uma designação localizada nessa área.

Tal sentimento, confirmado pela preguiça natural à qual sucumbo com facilidade sempre que se trata de minha própria pessoa, impediu-me de fazer alguma coisa para tentar obter melhor colocação. Um pouco antes da guerra, um amigo se esforçou para que eu fosse transferido para o 2.^o bureau do GQG, mas não conseguiu a tempo. Depois de cumprir dois breves períodos de instrução, fui convocado para o grupo de subdivisões de Estrasburgo em setembro de 1938, por ocasião do alerta de Munique; em seguida, pela segunda vez, em março seguinte, só por algumas horas (minha convocação me pegou em Cambridge, de onde tive que regressar às pressas); enfim, em 24 de agosto do mesmo fatídico ano de 1939.

No fim das contas, não lamentei demais essa designação. O trabalho de um estado-maior de grupo de subdivisões é, em si, bastante morno. Mas é um bom observatório para uma entrada em guerra. Pelo menos, e esse foi o caso, durante as duas ou três primeiras semanas. A mobilização propriamente dita acontecia em grande parte sob nosso controle. O que se passava em seguida nos estados-maiores do mesmo tipo que funcionavam no interior do país? Imagino que, uma vez esgotada essa primeira febre, eles conservaram, apesar de tudo, certa atividade, feita de uma interminável papelada e muitas pequenas histórias. O nosso, que logo deixou Estrasburgo, retirando-se para Molsheim, ao pé dos Vosges, implantou-se mais uma vez em plena zona dos exércitos. Quando o IV Exército finalmente decidiu, com uma lentidão a bem dizer espantosa, estabelecer seus próprios órgãos de comando, nosso papel, já progressivamente diminuído, reduziu-se a quase nada. Vivemos então uma sucessão de dias intermináveis e letárgicos. Éramos cinco: um general de brigada, um tenente-coronel, dois capitães e um tenente. Posso nos ver ainda hoje, face a face em nossa sala de escola, todos concentrados num mesmo desejo: de que algum papel, trazido por um inesperado correio, nos fornecesse enfim a oportunidade de redigir outros papéis. O mais jovem dos dois capitães era o mais satisfeito: distribuía os salvo-condutos! Um historiador não costuma se entediar com facilidade: é sempre possível recordar, observar, escrever. Mas quando toda a nação está em luta, a inutilidade é um sentimento insuportável.

Nosso general pertencia aos quadros da reserva. Acabaram devolvendo esse excelente homem às suas ocupações, ou seja, basicamente à vara de pescar. E o resto do estado-maior fundiu-se com o do grupo de subdivisões de Saverne. Pessoalmente, no entanto, não passei mais de dois dias naquela amável cidadezinha, então congestionada. Havia descoberto uma via de acesso a um alto personagem do GQG. Obter uma melhor colocação através de “contatos” não pode ser incluído entre os atos dos quais alguém se orgulhe. Mas era culpa minha se não havia nenhum outro meio de encontrar um emprego mais útil para minha boa vontade? Graças a esse poderoso intercessor, recebi no início de outubro uma comunicação de transferência. Fui designado para o estado-maior do I Exército e me apresentei sem demora em Bohain, na Picardia.

A ordem do GQG me designava para uma função bastante precisa: oficial de ligação com as forças britânicas. Faria parte, sob essa designação, do 2º bureau. Mas logo chegaram mais dois capitães, precedidos por ordens que definiam suas funções em termos idênticos, palavra por palavra, às minhas. O chefe do estado-maior considerou que havia excesso: mais valia, concluiu, que cada um dos principais órgãos do exército dispusesse de seus próprios meios de contato com nossos vizinhos do corpo expedicionário. Resolveu então nos dividir entre os diversos bureaux, com exceção apenas do 1º, cuja função de cuidar dos efetivos e da disciplina não comportava janelas para o exterior. No que me diz respeito, fui para o 4º, encarregado da circulação, da mão de obra e das provisões. Mantive, a princípio, a mesma função, meio de informação, meio de diplomacia. Veremos mais adiante como, muito infelizmente e contra a minha vontade, essas atribuições se revelaram, com o passar do tempo, mais e mais insignificantes. Iria eu cair de novo na ociosidade que me fizera sofrer anteriormente? Já estava desolado quando o oficial encarregado do abastecimento de combustíveis foi transferido para outro posto e fui designado para substituí-lo.

E lá estava eu, transformado de um dia para outro no grande senhor dos combustíveis do exército mais motorizado de toda a frente francesa. Minha primeira impressão foi de pânico: pois estava bem consciente de que a função acarretaria, em caso de operações ativas, as mais pesadas

responsabilidades, e eu ignorava até mesmo as noções mais básicas sobre o assunto. “Tomara, escrevi à minha mulher, que Hitler fique tranquilo ao menos por algumas semanas!” Mas não há, creio eu, nenhum posto de direção para o qual um homem com o espírito razoavelmente claro não possa se preparar, se trabalhar com afinco. Aprendi meu novo ofício o melhor que pude. E nesse esforço tive muita sorte: encontrei no comandante do parque de combustíveis do exército o guia mais seguro e mais desinteressado. Esta é a primeira vez que escrevo aqui o nome do capitão Lachamp, mas certamente não será a última. O gosto amargo que esta guerra, malconduzida e ainda mais mal-encerrada, me deixou na boca só torna mais caras para mim as suas raras lembranças luminosas. Encontrar um homem verdadeiramente homem é sempre uma alegria; trabalhar com ele numa perfeita comunidade de intenções e sentir tal colaboração desabrochar pouco a pouco numa sólida amizade é uma das mais preciosas recompensas da ação.

A bem dizer, minhas novas funções não me deram muito trabalho durante o período de aprendizagem. Depois disso, deslizei, como todos os meus camaradas, para a vida sem sobressaltos de um burocrata do exército. Não estava ocioso, é verdade; também não estava muito ocupado e minhas necessidades cotidianas exigiam somente uma pequena dose de excitação cerebral. Pude, felizmente, acrescentar-lhes durante algumas semanas uma tarefa suplementar escolhida voluntariamente. Percebi que só tínhamos algumas informações absurdamente insuficientes sobre os depósitos de combustível situados em território belga: ignorância perigosa para um exército cuja missão específica, conhecida por todos, exigia a penetração no território da Bélgica caso os alemães, por seu lado, violassem as fronteiras. Algumas relações pessoais me permitiram completar e corrigir sensivelmente esse dossiê. Foram necessárias várias tratativas, e minha experiência em ambientes de estado-maior rendeu bons frutos. Aprendi, em especial, como nos meios burocráticos se traduz, quando se quer ser gentil, aquilo que em bom francês é conhecido simplesmente como “se meter onde não é chamado” – já que, em resumo, a pesquisa que resolvi fazer, por mais úteis que pudessem ser os resultados, não fazia

parte de minhas atribuições regulares. Deve-se dizer, apoiando a frase num discreto sorriso: “ter dinamismo.”

Mas esse trabalho durou apenas algum tempo. Limitando-me em seguida, dia após dia, a recensear latões ou a calcular com conta-gotas as alocações de combustível, tive de novo, talvez equivocadamente, a sensação de que tudo aquilo de que podia dispor em termos de forças intelectuais e de espírito empreendedor não estava sendo bem-empregado. O tédio dos longos meses do inverno e da primavera de 1939-40, que roeu tantas inteligências, caiu pesadamente sobre a pacata Bohain. Por meu lado, mais ou menos intoxicado por esses venenos sutis, pensava seriamente, confesso, em procurar outra coisa, quem sabe solicitando, assim que o verão terminasse, permissão para retomar simplesmente o meu posto na Sorbonne, quando a tempestade de 10 de maio desabou.⁴

Nada revela melhor quanto o ataque foi inesperado do que uma pequena lembrança pessoal. Tinha viajado a Paris no dia 9, para partir na manhã seguinte rumo a Meaux. Lá pretendia obter, no Serviço de Combustíveis do Estado-Maior Geral, alguns carnês daqueles cupons de combustível que, distribuídos às unidades sob meus cuidados, permitiriam que elas administrassem regularmente as suas receitas. Quando cheguei a Meaux, ignorava completamente os acontecimentos da última noite. Naturalmente, os cavaleiros do GQG ficaram muito espantados quando viram surgir diante deles, naquela conjuntura e para uma missão tão pouco bélica, um oficial vindo exatamente de um dos exércitos do front belga. Depois de alguns minutos de quiproquó, entendi finalmente a razão daquela recepção meio esquisita: foi só o tempo de correr para a estação, atravessar Paris e, tomando de assalto um trem inacreditavelmente lotado, retornar finalmente a meu posto.

Decidi não entrar em detalhes aqui a respeito do que foram as três semanas que se seguiram. Chegará a hora, em breve, de analisar as lições que proporcionaram. Algumas imagens, escolhidas entre as muitas que se

⁴ A ofensiva alemã contra a Bélgica, os Países Baixos e a França teve início no dia 10 de maio, às 4h45.

amontoam em minha memória, serão suficientes para balizar o percurso daqueles dias e noites, todos permeados pela grande tragédia que foi a campanha do Norte.

Eis, para começar, o liceu feminino de Valenciennes, escolhido para ser nosso posto de comando inicial, antes daquele PC belga previsto no projeto da manobra e que nunca ocupamos. Ali perto, podíamos contemplar com olhos ainda frescos as casas arruinadas pelo primeiro bombardeio. Consegui escapar para duas excursões na Bélgica. Meu temperamento nômade, nem sempre aprovado por meus chefes, sabia apreciá-las. No dia 11, fui somente até Mons. No dia 12, bem mais longe, em direção a Nivelles, Fleurus e Charleroi. Ao longo das estradas, aproveitando os feriados de Pentecostes, os mineiros de Borinage aclamavam os carros franceses na soleira de suas portas. Dispostos em pequenos vales enfeitados por verduras primaveris, eram adoráveis os campos onde outrora, em torno de Ligny e de Quatre-Bras, lutara o exército de Ney.⁵ Mas, nos acostamentos, longas filas de civis expulsos da região de Liège já empurravam os clássicos carrinhos das populações evacuadas, cheios de bagagens as mais heteróclitas e, sintoma ainda mais inquietante, soldados belgas debandados começavam a deslizar furtivamente entre as aldeias. Em seguida, depois das primeiras esperanças, vieram as primeiras angústias. Começamos a falar da brecha do Meuse. Tivemos que tentar abastecer por ali as divisões lançadas na batalha e que logo em seguida se volatizariam. Por fim, com o exército empurrado para o sudoeste, o estado-maior se retirou, em 18 de maio, para Douai.

Permanecemos ali por menos de dois dias, mais uma vez numa escola, às portas da cidade: alojados, já em Bohain, numa escola feminina, estávamos decididamente destinados aos locais pedagógicos. As bombas choviam pesadamente ao nosso redor, sobre a estação, as ruas principais, os campos de aviação. Enquanto isso, quase todo dia era informado de que mais um depósito de combustível, entre os da retaguarda, caíra nas

⁵ No dia 16 de junho de 1815, Napoleão venceu Blücher em Ligny; enquanto isso, Ney fracassava ao tentar expulsar Wellington de suas posições em Quatre-Bras. No dia 18, começou a batalha de Waterloo.

mãos dos alemães. Nossos belos tanques de Saint-Quentin e de Cambrai, que reservamos zelosamente para garantir através do envio progressivo para a frente o abastecimento das unidades de combate, e nossos caros depósitos “do interior”, onde os latões eram escondidos astuciosamente sob as árvores dos parques ou os telhados das olarias abandonadas – o exército não poderia contar com mais nada disso. Não tardou para que tivéssemos que fazer as malas novamente. Decidimos inicialmente que eu ficaria com mais dois camaradas em Douai, num PC avançado. Mas essa missão, como muitas outras, durou apenas algumas horas; e cortando o país sombrio, entre os escombros, alguns deles desmoronados de maneira bizarra pelas bombas e já sem a nitidez de suas linhas arquitetônicas, cheguei a Lens, nossa quarta e última escola (19 de maio).

Dessa vez era uma escola maternal. Feito sob medida para a primeira infância, o mobiliário não nos deixava escolha entre dois tipos de curvatura: o cansaço da posição vertical, indefinidamente prolongada, ou as contorções de um corpo sentado num espaço estreito demais, cujos joelhos, dobrados na altura do ventre, se esfolavam na borda da carteira. Ainda por cima, nem sempre era fácil escolher: a necessidade de escrever alguma nota de serviço o obrigou a sentar? – pois para conseguir se livrar da canga terá de fazer longos esforços. Esse estranho suplício, a feiura da paisagem, a sujeira invasiva da poeira de carvão, tudo naqueles lugares tristes parecia combinar com a nossa angústia crescente. Horrível PC aquela escola de Lens, apropriada mesmo para uma derrota! Será que algum dia esquecerei o entardecer do dia 20 de maio? Na noite que caía, enquanto Arras queimava, fumegando ao longe, vi meu chefe de bureau se aproximar de mim. Ele me disse, a meia-voz, apontando com o dedo a embocadura do Somme num mapa escolar pendurado na parede:⁶ “Os boches estão aqui!” Depois, se voltou, murmurando: “Não conte isso por aí.” Eu tinha acabado de tentar falar com o GQG pelo telefone; confesso

⁶ A ofensiva alemã, vinda de Ardennes, visava isolar o grupo de exércitos do Norte francês, enviado à Bélgica através de um amplo deslocamento que evocava o movimento de uma foice. No dia 20 de maio, quando uma divisão Panzer atingiu Abbeville, no estuário do Somme, a manobra se completou.

que só depois de repetir inúmeras vezes a tentativa entendi quanto a expressão “um exército cercado” está carregada de abandono.

Migramos em seguida (22 de maio) para o norte, para Estaires-sur-la-Lys. Essa encruzilhada, no entanto, era pouco segura. Os pilotos alemães não estavam tentando atingir especificamente os estados-maiores, mas seria muita presunção esperar que nos evitassem. Já na primeira tarde, uma bomba, mesmo sem cair diretamente no hotel em que estávamos hospedados, abalou a chaminé e as paredes com força suficiente para cobrir nossas roupas, nossos papéis e nossos rostos com uma inominável fuligem. O aviso foi entendido. Em plena noite, uma ordem de partida me tirou da cama onde, pela primeira vez em muitos dias e pela última naquela campanha, gozava do doce repouso que só os lençóis de verdade podem proporcionar. Isso tudo, aliás, para só colocarmos o pé na estrada bem depois do nascer do dia – a arte tão necessária do repouso faltava sempre em nosso estado-maior. Naquela manhã, depois de cobrir um circuito bastante longo, destinado como sempre a reunir meu parque de combustíveis, cheguei ao castelo de Attiches, ao sul de Lille, onde meus camaradas já estavam reunidos (23 de maio).

No meio de um lindo parque, o castelo era uma construção pesada, com a fachada coberta por cerâmicas horríveis e mobiliada num estilo opulento, sombrio e vagamente medieval, cenário obrigatório para a alta burguesia do final do século passado, de uma existência pretensamente senhorial. Num canto da sala de jantar onde trabalhávamos, o castelão, numa gentileza que todos julgamos prematura, tinha amontoado toda uma série de coroas funerárias. Foi lá que, na tarde do dia 23, nosso 4º bureau se dividiu, definitivamente, em duas seções. Uma, inserindo-se nas fileiras da retaguarda, partiu imediatamente para a costa, para regularizar o abastecimento por mar. A outra – na qual estava eu – ficou no local, junto com o comando do exército. A mais afastada do front estava destinada a sofrer os bombardeios mais violentos. Foi uma ironia do destino que naquele momento ninguém, creio, tenha sido capaz de prever isso. Na maior inocência, tomávamos a frente, onde estávamos, como o setor mais ameaçado pelas bombas – na verdade, elas não pararam de cair a nosso redor –, sobretudo por sermos os que corriam maior risco de captura. E,

como a fileira de retirada, que certamente contava com alguns homens de indiscutível coragem mas também outros para os quais essa retirada não parecia nada desagradável, tínhamos o sentimento de formar, mais perto da linha de fogo, uma pequena sociedade seleta onde sempre reinou uma atmosfera de cordialidade e apoio mútuo. Mesmo assim, um de nossos camaradas, simples tenente da reserva, mas presidente de uma grande câmara de comércio do norte na vida civil, recusou-se ousadamente a obedecer a ordem de partir para o litoral. Nosso subchefe de bureau, que, por uma estranha contradição diante dos costumes militares mais tradicionais, acompanhava o próprio chefe no recuo para a retaguarda, viu com péssimos olhos uma atitude tão contrária à sua. Branco de cólera, pôs o rebelde diante da mais alta autoridade do estado-maior. E, para sua grande surpresa, foi obrigado a ver essa corajosa desobediência ser aprovada.

Outra cena permanece até hoje em minha memória ligada à sala de jantar de Attiches: na verdade, um dos mais horríveis espetáculos humanos a que já assisti. Durante uma manhã inteira contemplamos, prostrado numa cadeira perto da porta, um personagem que, com o rosto abatido e os olhos apagados, ruminava incontáveis cigarros. Nenhuma insígnia estava claramente visível em sua manga e os passantes esbarravam nele sem lhe dar mais atenção do que dariam a uma simples sentinela. Era, no entanto, um general de divisão colocado, ainda na véspera, à frente de uma de nossas mais brilhantes unidades. Mas era um chefe destituído depois de algumas horas de comando. Por bebedeira, murmurava-se, com ou sem razão. Esperava para ter uma última entrevista longamente adiada com o comandante do exército. Foi recebido finalmente por volta do meio-dia. A entrevista não durou mais que alguns minutos e nunca mais revimos o nosso hóspede daquela manhã lamentável.

Em seguida veio (depois do dia 26) o nosso último PC: do outro lado de Lille, na direção noroeste, em Steenwerk, uma casa de campo adorável, clara e distinta. Na casa vizinha morava o general Prioux.⁷ Ele tinha aca-

⁷ Anteriormente, quando da execução da “manobra Dyle”, na Bélgica, o general Prioux (1879-1953) comandava um corpo de cavalaria (duas divisões mecânicas ligeiras). Enfrentou duros combates de tanques.

bado de assumir o comando do exército, no lugar do general Blanchard,⁸ que passou para o grupo de exércitos. O cerco inimigo se tornava cada vez mais cerrado e começava-se a pensar na possibilidade de destruição, pelo fogo, dos importantes depósitos de combustível de Lille.

Passei todo o dia 27 e a noite seguinte tentando obter uma decisão final. Houve nada mais nada menos do que quatro ordens e contraordens sucessivas. A última, que mandava destruir tudo, quase não atingiu seu destino. Meu motociclista partiu durante a noite. Jamais chegou. Qualquer que tenha sido a sua sorte, não tenho o direito de ter remorsos. Meu dever era garantir o envio da mensagem. E faltaria com minha obrigação se resolvesse levá-la eu mesmo. No entanto, como evitar uma pontada no coração ao pensar que, sob uma ordem minha, um bravo rapaz talvez tenha encontrado a morte? A guerra anterior já tinha carregado minha memória de algumas lembranças desse tipo: encontro nelas um material para me martirizar em minhas vigílias até que minha consciência se apague totalmente. Felizmente, pude reenviar a ordem e a grande fogueira foi acesa a tempo.

Bem na hora, pois o exército já se retirava para além do Lys e, de lá, para a costa. Porém, não partiu completo: na noite do dia 28, o general Prioux nos fez saber que, perdidas as esperanças de garantir a retirada de pelo menos duas de suas divisões, tinha decidido permanecer em Steenwerk para esperar o inimigo. Mantendo a seu lado apenas alguns oficiais, convidou a maioria de nós a partir durante a noite para o litoral, a fim de embarcar. Fui a seu encontro pouco depois para pedir que confirmasse a ordem de esvaziar, incapacitar e abandonar os caminhões-tanque. Seria privar o exército de suas últimas gotas de combustível e não achei que pudesse tomar sozinho uma decisão tão grave, embora ela derivasse claramente de outras disposições do momento. Nosso grande chefe media, melancolicamente, em passos largos, o vestíbulo de sua casa: triste sorte, a bem da

⁸ O general Blanchard (1877-1954), à frente do I Exército no começo da campanha da França, foi nomeado comandante do grupo de exércitos do Norte três dias depois do acidente (21 de maio de 1940) que custou a vida do general Billotte.

verdade, a deste homem, afastado do corpo de cavalaria que comandou, creio eu, com muita honra, para assumir na última hora a direção de um exército em retirada e aceitar, no lugar do verdadeiro responsável pela derrota, o ingrato destino de prisioneiro!

Voltei em seguida à nossa casa. Durante o dia, tinha queimado meus arquivos, conforme as instruções recebidas, inclusive o caderno que narrava, dia a dia, toda a história de meu serviço. O que eu não daria hoje para ter em mãos aquele querido caderno verde! Também joguei no fogão da cantina a minha correspondência pessoal – era proibido sobrecarregar-se de bagagens – e escolhi para levar comigo em minha mala de campanha alguns objetos particularmente preciosos ou úteis. Dos quais esqueci, aliás, três quartos. Pelo menos pude trocar minha velha vestimenta de trabalho por uma roupa em melhor estado. Mais feliz, nesse caso, que o general comandante da artilharia do exército. Esse homem digno, que, por uma questão de honra talvez excessiva, resolveu ficar com o general Prioux, não dispunha mais de suas malas, prematuramente enviadas a Dunquerque. Só lhe sobrou a túnica que estava vestindo e que estava furada no cotovelo. Ele se lamentava em voz alta: ser feito prisioneiro, ainda passa: mas em farrapos! Ria quem quisesse, mas por meu lado confesso que encontro certa nobreza nesse sentimento.

Partimos então durante a noite, numa longa e lenta coluna de carros que deslizava pelo território belga, uma vez que as estradas francesas já estavam impedidas. Ao nascer do dia, mal tínhamos percorrido uma dezena de quilômetros. Como conseguimos escapar dos batedores motorizados do inimigo? Ainda hoje não consigo explicar isso. No entanto, o fato é que, ora de carro, ora a pé, cheguei no final da manhã a Hondshoote. Faltava alcançar a costa. Uni meus esforços aos do capitão Lachamp, que encontrei no local, para tentarmos nos juntar ao grande grupo do parque de combustíveis, que partira bem antes de nós e tinha em Bray-les-Dunes o seu ponto de encontro. De carro, tentamos a estrada de Furnes. Fomos surpreendidos, primeiro, com pontes já bloqueadas, em seguida, na via principal, com um inacreditável engarrafamento de caminhões, parados, a frente de um na traseira do outro, em filas de três. Atrás deles, um oficial

de uma unidade de tanques, argumentando uma missão urgente, pedia passagem aos berros. E nos esforçamos durante mais de uma hora para tentar abrir pelo menos uma brecha. Um general de divisão que encontrei por acaso perguntou o que eu fazia ali. Assim que o informei, ele se deixou recrutar para nos ajudar e trabalhou, devo dizer, muito bem. Nossos esforços finalmente deram resultado. Mas era tarde demais para tentar prosseguir viagem – mesmo porque, quem poderia garantir que não toparíamos, logo adiante, com novos obstáculos? – e a única coisa que nos restava era retornar a Hondschoote.

Partimos de lá ao cair da noite, dessa vez a pé e por um trajeto mais direto: um pedestre podia passar por trilhas em que um carro não conseguiria. Marcha terrível, pelo menos nos dez últimos quilômetros, percorridos no meio de gigantescos engarrafamentos de caminhões que mal podiam ser vistos numa escuridão cada vez mais densa. O parque estava realmente em Bray. Ofereceram-me hospitalidade numa casa abandonada. Ofereceram-me até mesmo bebida. Infelizmente todo o litoral, cercado por trás por pântanos e canais invadidos pelo sal, encontrava-se agora, em consequência da ruptura de tubulações, quase desprovido de água – perto dali, os cirurgiões do hospital de Zuydcoote sabiam disso melhor que nós. Para matar a sede, dispúnhamos somente de uma taça de champanhe. Como um bom gole numa fonte bem fresca adoçaria minha goela sedenta!

Como o exército tinha deixado de existir, eu não tinha mais nenhuma função nos serviços de estado-maior. Mas ainda estava encarregado das almas. Com certeza, não comandava o parque de combustíveis nem as suas companhias de caminhões-pipa, mas tinha trabalhado tempo demais junto daquela brava gente para pensar que tinha o direito de tratar apenas de mim mesmo antes de garantir seu destino, ou seja, seu embarque, pois essa era a única preocupação de todos naquele momento. Fugir daquela costa maldita antes que o inimigo forçasse nossas últimas defesas; escapar da captura pelo único caminho que ainda estava livre, pelo mar: uma verdadeira febre de evasão tomou conta daquela multidão de homens quase completamente desarmados que podiam ver, das margens onde estavam amontoados, os ingleses se fazendo ao largo antes deles. Passei a maior

parte do dia 30 tentando garantir para meus clientes uma vaga definitiva nas listas de partida. Para começar, passei uma parte da manhã em Brayles-Dunes, que acumulava uma multidão desordenada de soldados correndo atrás de suas unidades e de caminhões que recebiam motoristas de ocasião que muitas vezes os abandonavam algumas centenas de metros adiante. Mais uma vez assumi a organização do trânsito, esforçando-me sem grande sucesso para envolver numa atividade mais eficiente os desastrosos policiais, absurdamente embolados, aos montes, no centro dos cruzamentos. Depois, fui visto no cabaré do “Perroquet”, na fronteira belga, sede durante algumas horas de um efêmero comando de zona, e em Malo-les-Bains, onde reencontrei os principais elementos de meu 4º bureau. Minha noite terminou no acampamento, nas dunas. Os obuses alemães davam o ritmo de nosso repouso. Por sorte, os metódicos artilheiros não paravam de alvejar com precisão sempre o mesmo ponto, à esquerda do hotel de Malo-Terminus. As primeiras bombas fizeram muitas vítimas. Depois, ninguém mais passou por lá ou só passou correndo. Se a pontaria tivesse sido menos certa, que massacre fariam em nossa cama de areia, entre a vegetação rasteira!

Na manhã seguinte, obtive a confirmação de que meu pessoal embarcaria. Como poderia prever que uma bomba afundaria o navio? A maioria – nem todos, infelizmente! – pôde ser salva. Nada mais impedia, portanto, que tratasse de meu próprio destino. Nosso antigo subchefe de estado-maior, que nos dirigia então, não demonstrava muita pressa em deixar que seus ajudantes de campo partissem antes dele. Ele me autorizou, no entanto, a me virar. A palavra soou muito mal a meus ouvidos. Tratava-se de me enfiar sorratamente no lugar de alguém? Felizmente, no começo da tarde, a boa vontade do comandante do corpo de cavalaria permitiu que obtivesse, com mais dois camaradas, uma ordem de missão regular. Tínhamos apenas que encontrar o navio ao qual estávamos destinados.

Um erro de informação fez com que meus dois companheiros de estrada e eu tivéssemos que cruzar Dunquerque duas vezes, primeiro de leste a oeste e depois em sentido contrário. Guardo uma lembrança muito intensa da cidade em ruínas, com suas fachadas ocas sobre as quais flutuavam

vagas fumarolas e, espalhados em suas ruas, menos cadáveres do que destroços humanos. Ainda tenho nos ouvidos o estrondo inverossímil que, como no *finale* de uma grande ópera, povoava com sua sonoridade nossos últimos minutos nas fronteiras de Flandres: explosões de bombas, explosões de obuses, tac-tac de metralhadoras, tiros de artilharia antiaérea e, para escandir ainda melhor a sinfonia, o ritmo obstinado do pequeno canhão-revólver de bordo. Mas devo confessar que, quando evoco aquela jornada do dia 31, não são essas imagens de horror e perigo que aderem com mais força à minha memória. Rememoro, antes de tudo, nossa partida do cais. Um admirável entardecer de verão desenrolava seus encantos sobre o mar. O céu de ouro puro, o calmo espelho das águas, a fumaça escura e ruiva que, escapando da refinaria em chamas, desenhava acima da costa baixa arabescos tão belos que esquecíamos sua trágica origem e até o nome escrito na popa do nosso barco, que parecia nome de conde hindu – *Royal-Daffodil* (Junquilha do Rei); tudo na atmosfera desses primeiros minutos de viagem parecia conspirar para tornar ainda mais plena a alegria egoísta e irresistível de um soldado que consegue escapar da captura.

Em seguida, após nosso desembarque em Douvres, foi a vez de um trajeto de trem que durou o dia inteiro, através do sul da Inglaterra. Ele me deixou a lembrança de um longo torpor, cortado por um desfile incoerente de sensações e de imagens que, assim como os episódios de um sonho, mal aflorava a consciência e já caía no esquecimento: prazer de devorar às dentadas os sanduíches de presunto ou de chester entregues na porta por *girls* com uniformes multicoloridos ou por *clergymen* tão dignos que pareciam estar distribuindo a comunhão; perfume levemente doce dos cigarros oferecidos com a mesma profusão; acidez das limonadas, insipidez de um chá com demasiado leite; suavidade dos gramados, paisagens de parques, flechas de catedrais, sebes e rochedos de Devon; gritos das crianças reunidas na passagem de nível. Diante de tantas atenções, meus camaradas comentavam: “Eles são realmente muito gentis!” No final da tarde, reembarcamos em Plymouth para voltar a deitar âncoras, ao amanhecer, diante de Cherbourg. Lá tivemos que suportar longas horas de espera. “Sabem como é”, diziam os oficiais do barco, dessa vez francês,

que nos transportava, “esses cavalheiros do comando militar do porto não chegam ao trabalho antes das nove horas.” Reencontrávamos, ai de nós, a França militar da retaguarda. Fim dos hurras, fim dos sanduíches e dos cigarros. Ao contrário, uma vez em terra, uma recepção bem oficial, bem seca, um pouco desconfiada; como local de repouso, um campo pouco acolhedor e sórdido onde apenas algumas senhoras da Cruz Vermelha representavam uma nota de boa vontade. Em seguida, depois de sacolejar de novo em vagões bastante desconfortáveis, chegamos a Caen no meio da noite, onde ninguém parecia estar à nossa espera, mas onde, felizmente, existiam bons hotéis e até mesmo banheiros.

Como tentamos refazer, com os restos de um exército, alguma coisa que ainda pudesse servir; como e por que não obtivemos sucesso – teremos ocasião, mais adiante, de refletir sobre essa melancólica história. Depois de uma estada bastante longa na Normandia, desembarcamos no dia 16 de junho em Rennes. O I Exército não estava mais lá. Mas seu estado-maior, ou o que restava dele, estava à disposição do general que comandava o “grupamento” recém-constituído para defender, diziam, a Bretanha. No dia 17, Rennes foi bombardeada por aviões. Estávamos alojados bem longe da zona alvo das bombas; e, embora o formidável abalo, mesmo distante, provocado pela explosão de um depósito de chedita quebrando todos os vidros a nosso redor tenha por um instante colocado em questão a minha escala de distâncias, pude me tranquilizar rapidamente. “É doce”, diz o poeta latino, “ouvir a tempestade quando se está tranquilo na margem.” Citação banal, talvez uma confissão odiosa: que soldado, no entanto, apurando o ouvido diante de um estrondo que não pode atingi-lo, não sentiu, ele também, o coração se dilatar lá no fundo do peito num alívio instintivo?

No dia 18 de manhã, espalhou-se o boato de que o inimigo se aproximava. Nosso gabinete ficava numa avenida, na parte alta da cidade. Do outro lado da calçada, uma rua descia para o Centro. Meu ordenança estava alojado lá. Por volta das onze da manhã, fui lhe pedir que fizesse minhas malas rapidamente. Depois de deixá-lo, estava subindo a rua quando notei, ao fundo, uma coluna alemã desfilando pela avenida: entre mim e o

gabinete, portanto. Nenhum tiro disparado. Soldados franceses e oficiais olhavam. Soube mais tarde que quando os alemães topavam por acaso com um soldado armado, limitavam-se a obrigá-lo a quebrar o fuzil e jogar fora os cartuchos. Mas há muito tempo eu estava ferrenhamente decidido a tentar o que fosse possível para não cair prisioneiro. Se ainda pudesse acreditar que seria útil, teria tido, espero, a coragem de permanecer em meu posto. Na ausência de qualquer resistência, minha inutilidade se tornava flagrante, ou melhor, eu tinha a clara impressão de que o único meio de continuar, de alguma maneira, a servir ao meu país e aos meus era tentar escapar antes que a armadilha se fechasse completamente.

Tentar fugir para o oeste – supondo que ainda fosse possível encontrar uma estrada livre – significaria apenas, tudo indicava, ser pego mais adiante, no beco sem saída da península. Para o sul também havia o grande risco de não conseguir atravessar o Loire. Pelo menos era o que eu pensava naquele momento. Soube depois que, contra todas as expectativas, os alemães só ocuparam Nantes no dia seguinte. Será que teria conseguido chegar até lá, e como? Cheguei a pensar também que conseguiria embarcar para a Inglaterra em Brest. Mas teria eu o direito de abandonar meus filhos para um exílio indefinido? Fosse como fosse, depois de alguns minutos de reflexão, na calçada da rua íngreme, escolhi a saída que me pareceu mais simples e, portanto, mais segura. Tirei a túnica – a calça de tecido cru nada tinha que pudesse identificar o uniforme. Consegui sem esforço um paletó e uma gravata de meu proprietário, que, tanto quanto o filho, deu na ocasião provas de muita coragem. Em seguida, depois de contatar um de meus amigos, professor em Rennes, consegui um quarto num hotel. Considerando que não há melhor modo de se esconder do que usar o próprio personagem, anotei meu nome verdadeiro e minha profissão na ficha que me deram. Meus cabelos grisalhos garantiam que ninguém pensaria em procurar, sob o professor universitário, um oficial. A menos que a Kommandantur tomasse a iniciativa de comparar as listas dos hotéis com as dos quadros do exército. Mas parece que tal ideia nem lhes passou pela cabeça. Nossos senhores já estavam, sem dúvida, bastante entediados das alegrias de fazer prisioneiros.

Assim, passei uma dúzia de dias em Rennes. Na rua, no restaurante, no próprio hotel, o tempo todo esbarrava com oficiais alemães, dividido, a cada vez, entre a pungente tristeza de ver meu país entregue a invasores, a surpresa de uma coabitação pacífica com homens que, até alguns meses antes, só abordaria de revólver em punho, e, enfim, o malicioso prazer de passar a perna naqueles senhores sem que eles sequer desconfiassem. A bem dizer, essa última satisfação também tinha suas nuances. Existe sempre, a meu ver, certo mal-estar em viver na mentira; e embora isso pudesse, acho eu, ser perdoado mesmo pelos mais severos casuístas, às vezes eu me espantava por conseguir sustentar uma mentira com tanta perseverança. Uma vez restabelecidos os trens, fui para Antuérpia, onde tinha amigos; de lá, em seguida, tomei a estrada até Gueret e minha família. Desses doces momentos de reencontro, de *revoyure*, como dizia tão bem a nossa velha linguagem, o leitor nada encontrará aqui. Se falasse, eles fariam meu coração bater forte demais. Que o silêncio caia sobre eles!

Pode-se ver, portanto, as delimitações de minha experiência. Falo desta guerra; pois a anterior só vai aparecer aqui como pano de fundo. Participei do trabalho e da vida de estados-maiores de nível bastante elevado. Com certeza, não fiquei sabendo tudo o que se passava ali. Muitas vezes me aconteceu ignorar, como veremos a seguir, até as informações mais essenciais para cumprir minha própria função. Mas pude observar, no cotidiano, os métodos e os homens. No entanto, por outro lado, nunca pude ver o combate com meus próprios olhos. Só tive raros contatos com a tropa. Sobre esse assunto, é forçoso recorrer, antes de tudo, a outros testemunhos que minha posição me permitiu colher e sopesar. É o bastante, sem dúvida, se não para substituir uma visão direta – cuja autenticidade e sabor humano nada pode igualar, se os olhos forem bons –, ao menos para justificar certas reflexões. De todo modo, ninguém poderia pretender tudo ter observado ou conhecido. Que cada um diga francamente o que tem a dizer. A verdade nascerá dessas sinceridades convergentes.